

cadernos de

TC



Habitação

Arrozópolis

Complexo Habitacional

81

Cadernos de TC 2020-1

Expediente

Direção do Curso de Arquitetura e Urbanismo

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Corpo Editorial

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Simone Buiati, M. arq.

Coordenação de TCC

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Orientadores de TCC

Pedro Henrique Máximo Pereira, Dr. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Detalhamento de Maquete

Volney Rogerio de Lima, E. arq.

Seminário de Tecnologia

Jorge Villavisencio Ordóñez, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Seminário de Teoria e Crítica

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Expressão Gráfica

Rodrigo Santana Alves

Simone Buiate Brandão, M. arq.

Secretária do Curso , M. arq.

Edima Campos Ribeiro de Oliveira

(62)3310-6754

Apresentação

Este volume faz parte da coleção da revista Cadernos de TC. Uma experiência recente que traz, neste semestre 2020/1, uma versão mais amadurecida dos experimentos nos Ateliês de Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo (I, II e III) e demais disciplinas, que acontecem nos últimos três semestres do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA).

Neste volume, como uma síntese que é, encontram-se experiências pedagógicas que ocorrem, no mínimo, em duas instâncias, sendo a primeira, aquela que faz parte da própria estrutura dos Ateliês, objetivando estabelecer uma metodologia clara de projeção, tanto nas mais variadas escalas do urbano, quanto do edifício; e a segunda, que visa estabelecer uma interdisciplinaridade clara com disciplinas que ocorrem ao longo dos três semestres.

Os procedimentos metodológicos procuraram evidenciar, por meio do processo, sete elementos vinculados às respostas dadas às demandas da cidade contemporânea: LUGAR, FORMA, PROGRAMA, CIRCULAÇÃO, ESTRUTURA, MATÉRIA e ESPAÇO. No processo, rico em discussões teóricas e projetuais, trabalhou-se tais elementos como layers, o que possibilitou, para cada projeto, um aprimoramento e compreensão do ato de projetar. Para atingir tal objetivo, dois recursos contemporâneos de projeto foram exaustivamente trabalhados. O diagrama gráfico como síntese da proposta projetual e proposição dos elementos acima citados, e a maquete diagramática, cuja ênfase permitiu a averiguação das intenções de projeto, a fim de atribuir sentido, tanto ao processo, quanto ao produto final.

A preocupação com a cidade ou rede de cidades, em primeiro plano, reorientou as estratégias projetuais. Tal postura parte de uma compreensão de que a apreensão das escalas e sua problematização constante estabelece o projeto de arquitetura e urbanismo como uma manifestação concreta da crítica às realidades encontradas.

Já a segunda instância, diz respeito à interdisciplinaridade do Ateliê Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo com as disciplinas que contribuíram para que estes resultados fossem alcançados. Como este Ateliê faz parte do tronco estruturante do curso de projeto, a equipe do Ateliê orientou toda a articulação e relações com outras quatro disciplinas que deram suporte às discussões: Seminários de Teoria e Crítica, Seminários de Tecnologia, Expressão Gráfica e Detalhamento de Maquete.

Por fim e além do mais, como síntese, este volume representa um trabalho conjunto de todos os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo, que contribuíram ao longo da formação destes alunos, aqui apresentados em seus projetos de TC. Esta revista, que também é uma maneira de representação e apresentação contemporânea de projetos, intitulada Cadernos de TC, visa, por meio da exposição de partes importantes do processo, pô-lo em discussão para aprimoramento e enriquecimento do método proposto e dos alunos que serão por vocês avaliados.

Pedro Henrique Máximo Pereira, Dr. arq.
Rodrigo Santana Alves, M. arq.





ARROZÓPOLIS Complexo Habitacional

O presente trabalho propõe abrir novas discussões acerca do patrimônio arquitetônico industrial na cidade de Anápolis, Goiás. A área de intervenção está localizada no Setor Central, e essa região marca profundamente a história do desenvolvimento econômico e territorial da cidade.

Ao abordar a temática de patrimônio arquitetônico industrial, Kühl (2008) descreve esse tipo de patrimônio como sendo os monumentos recorrentes do período da industrialização. Entretanto, se consideram não apenas os edifícios relacionados aos setores de produção, mas também:

a todo o complexo de edifícios que pode compor um conjunto industrial – fábrica, residências, enfermaria, escola, etc. – além de abarcar unidades de produção de energia e meios de transportes; ademais, concerne também a edifícios pré-fabricados (total ou parcialmente), que são fruto do processo de industrialização.



Thaís Alves Alcântara

Orientador: Pedro Henrique Máximo Pereira
contato: alcantarathais@hotmail.com



[f.1]



“

“The essence of architecture is to open the hearts of the people, and to move them in such a way that they are glad to be on Earth.”¹

Tadao Ando

A história por detrás do muro

Cada pessoa possui a sua própria história. Objetos e utensílios domésticos, através de suas marcas do tempo mostram como estes foram manuseados, a quanto tempo existem, e contam uma história. Não seria o mesmo com os edifícios nas cidades? Alguns possuem estilos mais elaborados que outros, de épocas diferentes. Ainda existem os mais sutis, onde não encontram o olhar mais ordinário das pessoas, e são completamente escondidos atrás de anúncios e propagandas dentre os novos usos de uma região. Além do mais, há aqueles que foram projetados para serem marco em um determinado período importante na história de uma cidade.

Independente de qual a realidade de cada lugar, uma “nova paisagem” (ANDO, 1991, p. 497) será ali construída, e é de total responsabilidade dos profissionais que este novo edifício se torne algo que tenhamos orgulho de oferecer as nossas cidades, e que mais tarde será herdado pelas próximas gerações. No artigo “A persistência da memória: ruínas contemporâneas”, Corsi (2011) afirma que “circulamos por estas cidades que não contam mais a nossa própria história” e sobretudo:

“[...] Não há tempo para a pausa, o vazio, o silêncio, ou mesmo para um despertar momentâneo da consciência de nossa presença, onde encontremos nossa própria essência.” (CORSI, 2011).

Desde metrópoles a cidades do interior no mundo todo, independente da sua importância econômica ou local, regional, etc, nos deparamos com uma quantidade demasiada de projetos que são desenvolvidos diariamente. Sendo que seus objetivos são centrados somente na obtenção de lucro máximo e de ocuparem um lugar privilegiado nas cidades. Ao tratar sobre os desafios da cidade contemporânea, é imprescindível adicionar ao debate o modo que esta “tem sido encarada como arena para o

LEGENDAS E NOTAS:
[NOTA¹] Documentário: Tadao Ando: *From Emptiness to Infinity*. MAGNETFILM, 2013.

[f.1] Galpão antigo na área de intervenção. Foto: Thaís Alcântara, 2019.

[f.2] Grafite do artista francês Julien Mallard e do chinês Shi Zheng, nos escombros de casas antigas do estilo “Shikumen” demolidas no centro de Xangai, China. Fonte: China Daily, 2015.





consumo" (ROGERS, 2001, p. 9). Em um dos seus escritos, Ando afirma que:

"Na sociedade contemporânea, a arquitetura é condicionada por fatores econômicos e na maior parte das vezes governada pela padronização e mediocridade" (ANDO, 1991, p. 495).

E ainda que o "projetista sério deve questionar" e "refletir profundamente" sobre as premissas que lhe foram dadas e atribuídas (ANDO, 1991, p. 495). Sobre esta responsabilidade com o que projetamos, proponho recordar um trecho do livro "As Sete Lâmpadas da Arquitetura" de John Ruskin, no qual este trabalho não apoia as suas teorias de restauração e conservação. Apenas julga-se necessário adicioná-lo, pois este encaminhará a um importante questionamento a frente.

"[...] Assim, quando construirmos, lembremo-nos de que construímos para sempre. Que não seja para o deleite presente, nem para o uso presente apenas; que seja uma obra tal que nossos descendentes nos sejam gratos por ela" (RUSKIN, 2008, p. 67-68).

Na edição em português, a autora Maria Lucia Bressan Pinheiro afirma que Ruskin foi um "intransigente inimigo da industrialização", e ainda "um dos maiores expoentes da crítica romântica". E que as suas contribuições apontam "para várias questões ainda extremamente pertinentes ao debate arquitetônico atual" (RUSKIN, 2008, p. 9-10).

Ao considerar que o trecho acima nos aponta para um caminho de reflexão sobre o que está sendo produzido hoje, e tendo em vista tanto um projeto de pequena ou grande escala, apresento o seguinte questionamento: será que os nossos descendentes realmente ficarão gratos pelas construções que estão ocupando as nossas cidades atualmente? Diante da "nova paisagem" que Ando (1991) afirma ser criada "inevitavelmente" pelo "carácter autossuficiente" da arqui-

tetura, é necessário descobri-la através do “que o próprio sítio está pedindo. ” Logo, o presente trabalho surge em uma região industrial antiga no centro de Anápolis, no qual transitando entre a história e os novos usos resultam no Arrozópolis.

O símbolo do progresso em meio ao cerrado²

Anápolis se localiza a 60 km da capital do estado, Goiânia, e 151 km de Brasília. Nos séculos XVIII e XIX a economia do estado de Goiás era baseada na extração do ouro, sendo a cidade de Goiás e Pirenópolis importantes centros econômicos nessa época, e entre essas estava localizado Anápolis (FREITAS, 1995).

“Os tropeiros, corajosos desbravadores do sertão, levavam dias, semanas e mesmo meses transportando mercadorias no lombo dos animais” (FREITAS, 1995).

Devido as longas distâncias a serem percorridas, eles eram obrigados a descansar em fazendas e povoados encontrados pelo caminho. Anápolis não possui uma origem definida e era o “ponto de referência para os tropeiros que se deslocavam pelo estado” (FREITAS, 1995, p. 41). Anteriormente a 1870 quando os tropeiros chegaram na região, já haviam moradores instalados as margens do córrego das Antas. Em 1870, esses moradores doaram uma parte de suas terras para a construção de uma capela em louvor a Nossa Senhora de Sant’Ana. Entre 1873 e 1907, o povoado elevou-se a categoria de freguesia e depois vila, até tornar-se cidade (FREITAS, 1995).

Por volta do século XIX, as atividades de mineração foram se esgotando provocando um enfraquecimento na economia do Estado. Portanto a produção começou a voltar-se para “gêneros alimentícios, como o arroz, o feijão, o milho e a mandioca” (FREITAS, 1995). Em meados da década de 1920, “se instalaram as primeiras máquinas de beneficiamento de arroz e café no Município”

(FREITAS, 1995, p. 62). Aproximadamente no início dos anos 1930, Anápolis teve um “impulso econômico decorrente do somatório industrial que se acrescentava à força agropastoril” (ROCHA, 2007, p.97), fazendo assim com que o café se tornasse o principal produto agrícola da cidade. De acordo com o advogado, escritor e jornalista João Asmar, citado por (ROCHA, 2007, p. 99):

“Vitor Azevedo, Miguel João Alves, Anísio Cecílio – associado com seu cunhado – Miguel Pedreiro e Razem Elias, em 1932, já haviam instalado, em Anápolis, máquinas de beneficiamento de café e arroz, movidas por locomóveis. Já era apreciável e volumosa a produção de cereais, sobretudo café. Vinham compradores de São Paulo capital e de Santos (SP), adquirir o produto.”

Com a chegada da estrada de ferro em 1935, houve um crescimento populacional bastante expressivo somado a quantidade de imigrantes que vinham para a cidade. Pois:

“De acordo com dados do IBGE de 1940, vinham eles tanto de outros estados brasileiros, principalmente de Minas Gerais e de São Paulo, quanto do exterior, com destaque para o Japão (24,64% dos chegavam) e para a Itália (13,51%).” (FREITAS, 1995).

Na área urbana “migravam principalmente os sírios, 30,13 % do total de imigrantes, para trabalhar [...] no setor terciário” (POLONIAL, 2011, p. 57). Os italianos dedicavam-se a plantação de café, enquanto que os japoneses a produção de arroz, e os sírios centravam-se nas atividades comerciais.

Todos os dias chegavam pessoas de vários estados, “representantes comerciais de empresas paulistas e mineiras” com o objetivo de realizar novos negócios, então o comércio local foi crescendo de forma abundante” graças aos seus produtos agrícolas. (FREITAS, 1995, p. 61). Logo toda a região passou a ter várias “casas exportadoras e importadoras”, passando a “ter o monopólio do comércio atacadista” se tornando uma referência no Estado.

LEGENDAS E NOTAS:

[NOTA²] SANTOS (2015) afirma que Anápolis era o “símbolo do progresso em meio ao cerrado”. SANTOS, Tainara Diniz dos. O progresso na cidade de Anápolis: De arraial a Manchester Goiana. In: II Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG. Pirenópolis, 2015.

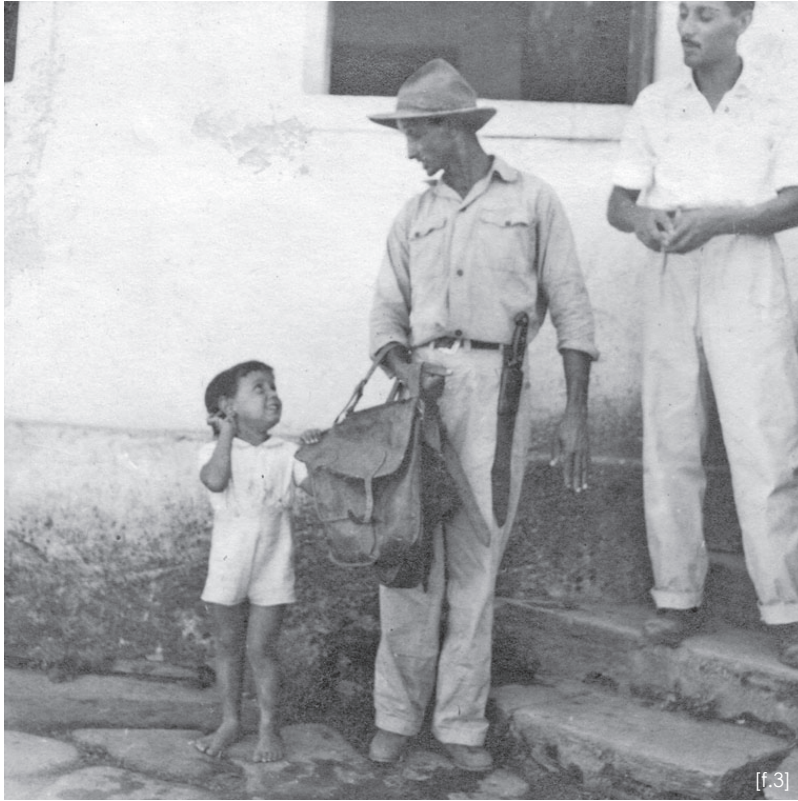
[f.3] Trabalhadores e criança em Anápolis. Fonte: Biblioteca IBGE - Catálogo online, s/d.

[f.4] Embarque de arroz na estação de Anápolis, 1965. Fonte: Biblioteca IBGE - Catálogo online, s/d.

[f.5] Antiga Capela de Santana. Fonte: Prefeitura de Anápolis, 2011.

[f.6] Estação Ferroviária Prefeito José Valentim. Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

[f.7] Cerealista Estrela. Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.



[f.3]



[f.5]



da Estrada do Ferro Goiás - Anápolis

[f.6]



[f.4]



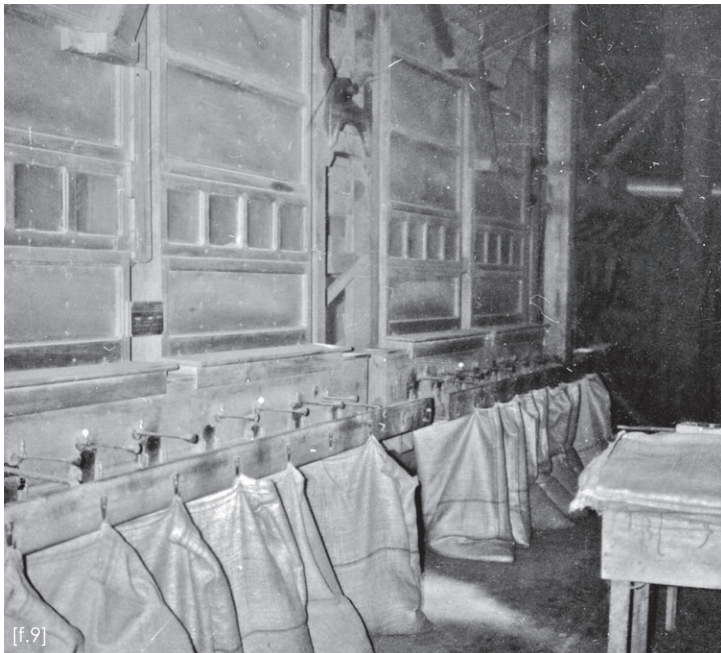
[f.7]



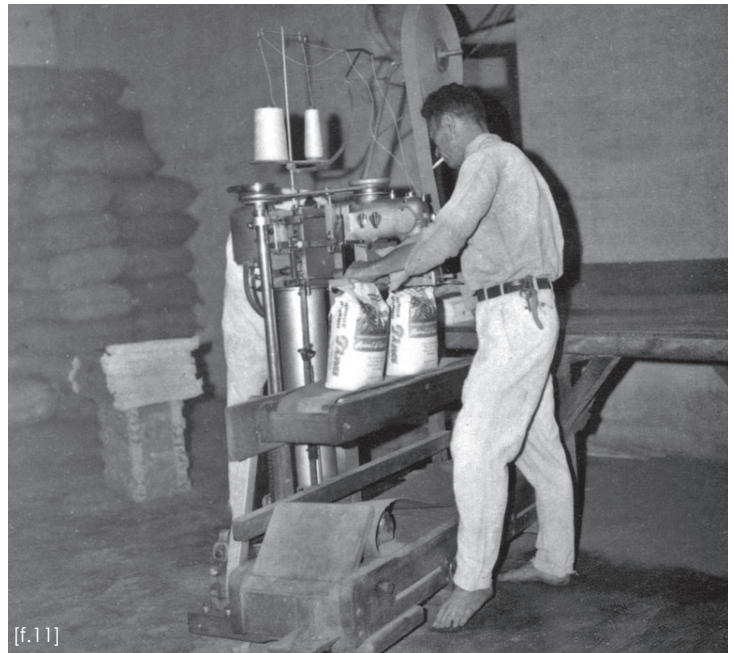
[f.8]



[f.10]



[f.9]



[f.11]



[f.12]

LEGENAS E NOTAS:
[f.8] Mulher viajando com seu filho. Fonte: Biblioteca IBGE - Catálogo online, s/d.

[f.9] Máquina de empacotamento de arroz da firma Alpina SA. Fonte: Biblioteca IBGE - Catálogo online, s/d.

[f.10] Estação Ferroviária Prefeito José Valentines. Fonte: Biblioteca IBGE - Catálogo online, s/d.

[f.11] Máquina de beneficiar o café 1965. Fonte: Biblioteca IBGE - Catálogo online, s/d.

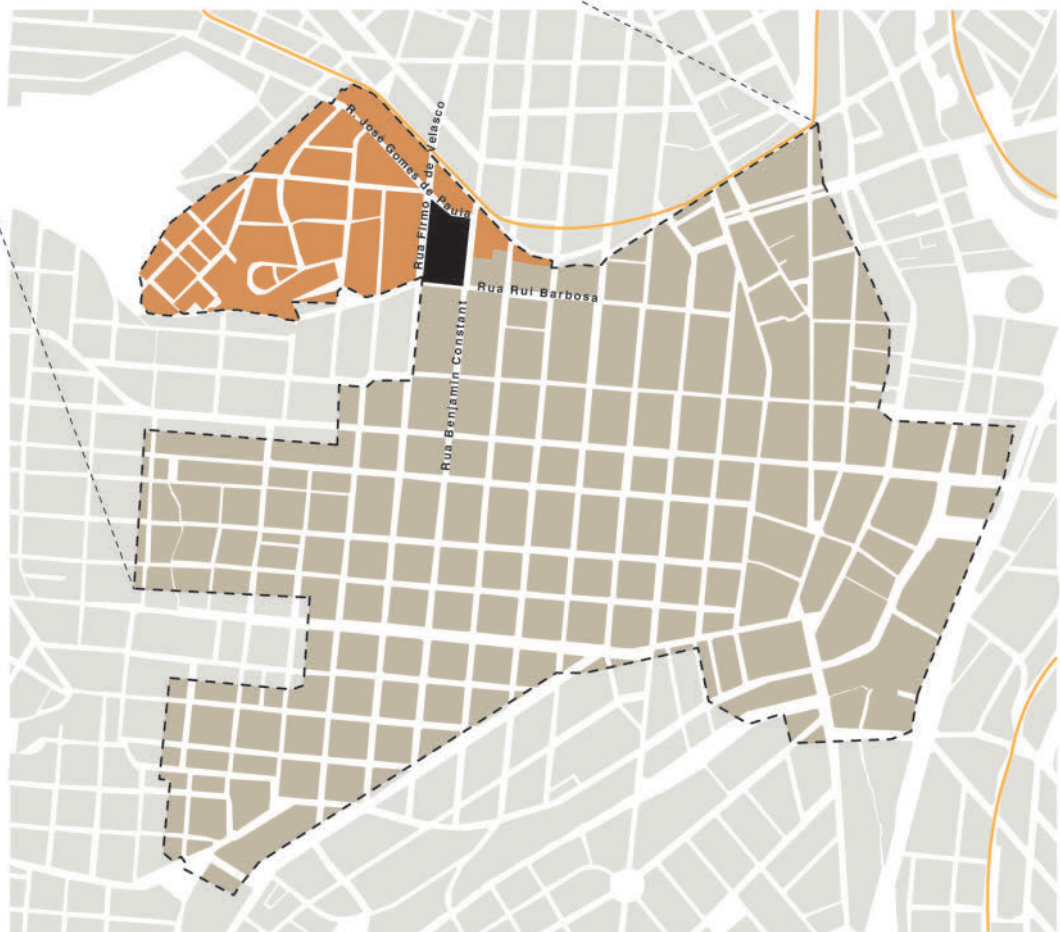
[f.12] Máquina de beneficiar o arroz. Fonte: Biblioteca IBGE - Catálogo online, s/d.



III

“ Nós apenas precisamos ser criativos o suficiente para identificar oportunidades estratégicas nas cidades, e traduzir isso em **propostas.**”³

Alejandro Aravena



LEGENDA:

- Vila Santa Maria
- Área de intervenção
- Setor Central
- Antiga Linha Férrea

Área de intervenção



LEGENDAS E NOTAS:
[f.13] Galpões antigos na área de intervenção. Foto: Thaís Alcântara, 2019.

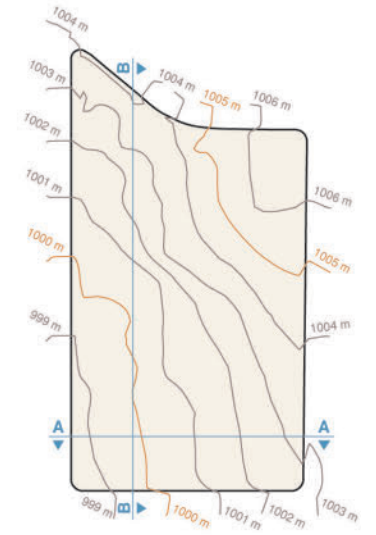
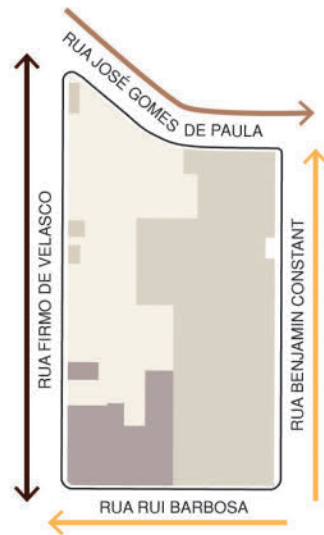
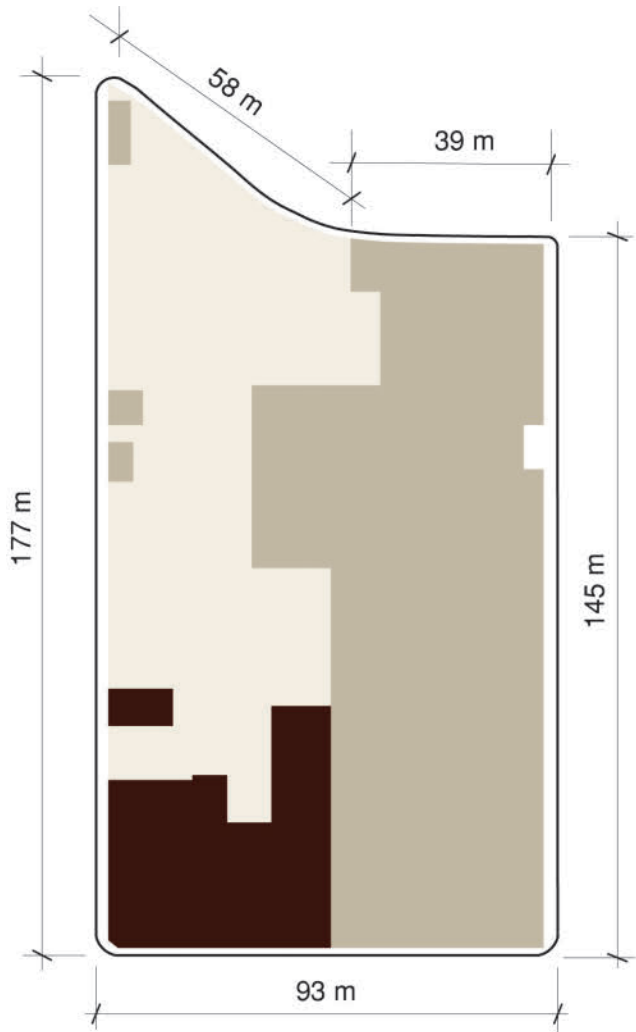
[f.13] Galpões antigos na área de intervenção. Foto: Thaís Alcântara, 2019.

[NOTA³] João Asmar. O troco e outras notas. **Múltipla Gráfica e Editorial Ltda**, 2019.



[f.14] Mapas de localização. Fonte: Google Earth 2019, Google Maps 2019 e Saneago 2011. Obs.: O trecho da antiga linha férrea foi elaborado através de uma visita *in loco* realizada em 16 abr 2020, em conjunto com o historiador Jairo Alves Leite, que realiza a sua dissertação "Estação Ferroviária de Anápolis: Território e potencialidade turística." Organização: Thaís Alcântara.

[f.15] Usos na área de intervenção e no entorno próximo. Fonte: Saneago 2011. Organização: Thaís Alcântara.



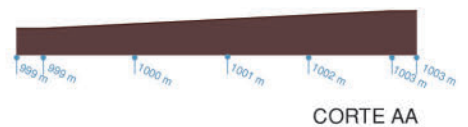
LEGENDA:

- Fluxo de veículos excessivo
- Fluxo de veículos intenso
- Fluxo de veículos mediano

LEGENDA:

ÁREA TOTAL:

- 5.145,3 m² - Terreno vazio
- 6.472,5 m² - Galpões do entorno
- 1.735,5 m² - Área de intervenção

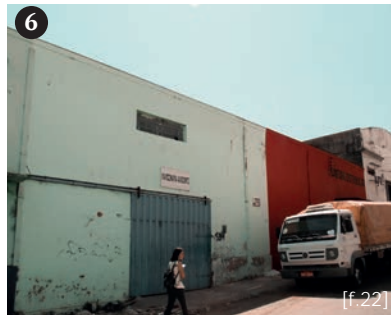
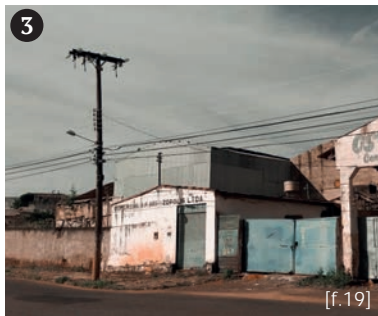
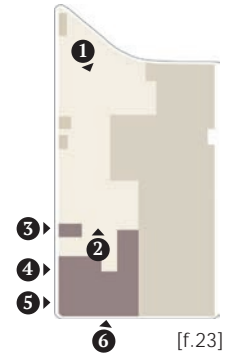


CORTE AA



CORTE BB

[f.16]



LEGENDAS:
[f.16] Diagramas sobre análises do lugar. Fonte: Saneago 2011. Org.: Thais Alcântara.

[f.17] Área de intervenção. Foto: Thais Alcântara, 2019.

[f.18] Área de intervenção. Foto: Thais Alcântara, 2019.

[f.19] Galpões antigos. Foto: Thais Alcântara, 2019.

[f.20] Galpões antigos. Foto: Thais Alcântara, 2019.

[f.21] Galpões antigos. Foto: Thais Alcântara, 2019.

[f.22] Galpões antigos. Foto: Thais Alcântara, 2019.

[f.23] Diagrama da área de intervenção. Fonte: Saneago 2011. Org.: Thais Alcântara.



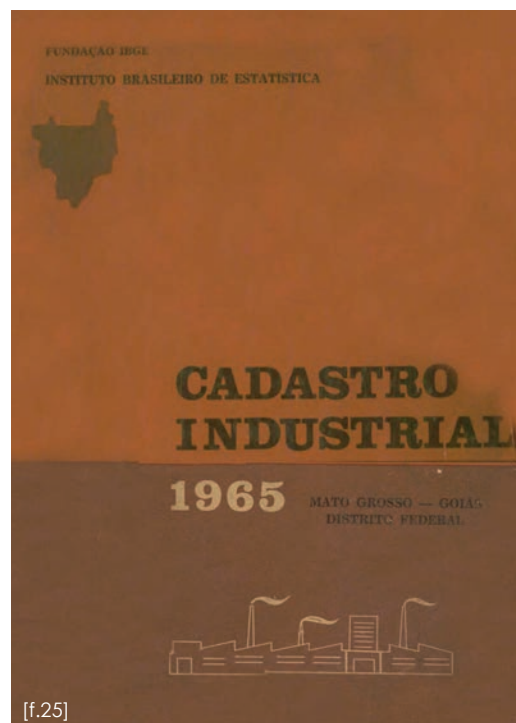
III

“ Mas, a vida, em si mesma, na **cidade**, principalmente, com o aumento da população e do movimento das ruas, não se torna tão mansa e tranquila. O barulho, a agitação, o vai e vem das pessoas, procurando o que não encontram [...] tudo prende os homens, que não vêm passar o tempo, mas vão empurrados sem usufruir as belezas da natureza, o calor humano e a liberdade plena, com que sempre sonham, na cobiçada felicidade.”⁴

(ASMAR, 2009)

Uma herança industrial

O Instituto Brasileiro de Estatística da Fundação IBGE, publicou em 1968 um catálogo distribuído em 11 volumes que contém registrado todos os “estabelecimentos industriais existentes no país” naquela época (FUNDAÇÃO IBGE, 1968, s/p.). No volume XI – figura 25 – referente aos estados do Mato Grosso, Goiás e Distrito Federal, verificou-se que no município de Anápolis na categoria de “Produtos Alimentares – Beneficiamento de Arroz” – figura 27 – se localizava o “Comercial Agropecuária Arrozopolis LTDA”, na intersecção da Rua Firmo de Velasco com a Rua Rui Barbosa. Na figura 26, observamos alguns fragmentos desse antigo comercial que ainda perdura até os dias de hoje. É pertinente considerar vinculado a esse período de industrialização e desenvolvimento dessa área, os galpões e armazéns antigos que ainda existem como uma herança industrial. E essa herança marca um momento importante da história, portanto o projeto Arrozópolis propõe manter esse antigo nome afim de que a população conheça mais da história do lugar onde vivem.



[f.25]

LEGENDAS E NOTAS:

[f.24] Pessoas atravessando a faixa de pedestres. Fonte: Via We Heart It.

[NOTA₄]: João Asmar. *O troco e outras notas*. Múltipla Gráfica e Editorial Ltda, 2019.

[f.25] Catálogo Industrial 1965 - Mato Grosso — Goiás Distrito Federal. Fonte: Biblioteca IBGE.

[f.26] Antigo Comercial Agropecuária Arrozopolis LTDA. Foto: Thais Alcântara, 2019.

[f.27] Catálogo Industrial 1965 - Mato Grosso — Goiás Distrito Federal. Fonte: Biblioteca IBGE.



[f.26]

ESTADO DE GOIAS

ANAPOLIS

INDUSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO

 INSCRIÇÃO GÊNERO E CLASSIFICAÇÃO DAS INDUSTRIAS, RAZÃO SOCIAL E ENDEREÇO GPO GVV

* PRODUTOS ALIMENTARES

** BENEFICIAMENTO DE ARROZ

5 159	AFIUNE IRMÃOS LTDA	AV INDUSTRIAL S/N	2	7
5 160	ALFREDO AMANCIO OLIVEIRA	R 1 S/N	1	3
5 161	ALPINA S/A-CAFE E CEREAIS	R 14 DE JULHO 536	3	10
5 162	ANESIO LOPES VALIM	AV TIRADENTES 841	-	-
5 163	ARAÚJO E CIA	R RUI BARBOSA 730	2	8
5 164	ARMAZEM CAIPO LTDA	AV TIRADENTES 1412	1	7
5 165	ARROZANA LTDA	R EUGENIO JARDIM 61	1	9
5 166	BADER MIKAIL HANNA	R BENJAMIN CONSTANT 1061	1	8
5 167	CASTRO E FERREIRA LTDA	AV INDUSTRIAL S/N	2	2
5 168	CEREALISTA ALVORADA LTDA	R FLORIANO PEIXOTO 956/996	3	9
5 169	CEREALISTA AMAZONAS LTDA	R 14 DE JULHO 628	4	12
5 170	CEREALISTA ANAPOLIS LTDA	R BENJAMIN CONSTANT 1071	2	9
5 171	CEREALISTA CONSTANT E CIA LTDA	AV PRES WILSON S/N	2	9
5 172	CEREALISTA INDL HORIZONTE LTDA	R CAP SILVERIO 163	1	3
5 173	CEREALISTA IRMÃOS BAZI	R MINAS 120	1	6
5 174	CEREALISTA MIGUEL ELIAS E CIA	R FLORIANO PEIXOTO 1322	2	12
5 175	CEREALISTA MINAS GOIAS LTDA	AV JUCA LUDOVICO 204	1	8
5 176	CEREALISTA SANTOS LTDA	BR MARACANANSINHO S/N	1	3
5 177	CEREALISTA SILVA E CIA LTDA	R TRES 40	1	6
5 178	COM E IND GEBRIM LTDA	AV JUCA LUDOVICO 212	1	7
5 179	COMBRASIL-CIA BRASIL CENTRAL COM E IND	R GUIMARÃES NATAL 110/128	3	11
5 180	COML AGROPECUARIA ARROZOPOLIS LTDA	R RUI BARBOSA 664	1	9
5 181	CORREA E FILHOS LTDA	R 2 743	1	0
5 182	DAGUER E FILHOS LTDA	R FIRMO VELASCO 1851	-	-
5 183	DIAS IRMÃOS S/A-COM E IND	R SANTOS DUMONT 5	2	4
5 184	ELIAS E NAZIR LTDA	R RUI BARBOSA S/N	4	10
5 185	ELIAS MANSOUR EL ZAYEK	R FIRMO VELASCO S/N	1	0
5 186	ELIAS ZACZAC E FILHOS IND COM	AV JUSCELINO KUBITSCHEK S/N	2	10
5 187	EURIPEDES FERNANDES SILVA	R 2 S/N SOUSANIA	1	0
5 188	EXPTD GOIANA DE CEREAIS LTDA	AV JUSCELINO KUBITSCHEK S/N	1	5
5 189	FLORENCIO VIEIRA ALMEIDA	VL FABRIL S/N	1	0
5 190	GERCILIO RODRIGUES E FILHO	R BENJAMIN CONSTANT 988/998	2	8
5 191	GIBRAIL ELIAS	AV FABRIL S/N	1	9
5 192	ICA IND E COM LTDA	R CAPITÃO SILVERIO 197	2	3
5 193	IRMÃOS CECILIO LTDA	AV MATO GROSSO S/N	2	4
5 194	IRMÃOS ELIAS E CIA	AV MIGUEL JOÃO 94	3	12
5 195	JARJURA YOUSSEF BITTAR	R BENJAMIN CONSTANT 1940	2	8
5 196	JORGE ABRAO FARAH PEDREIRO	AV FERNANDO DA COSTA S/N	1	7
5 197	JOSE TEODORO DE CASTRO	AV INDUSTRIAL S/N	2	8
5 198	JOVELINO SABINO RODRIGUES	AV INDUSTRIAL S/N	1	7

FUNDAÇÃO IBGE

[f.27]

Praça + Implantação Arrozópolis

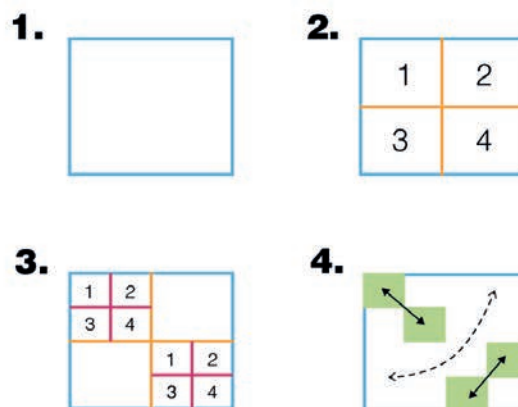
No terreno vazio da área total de intervenção do projeto propõe-se uma praça. O desenho surge através de módulos em toda a sua extensão divididos em 3 etapas, sendo:

1. Módulos de 10 x 12 m;
2. Esses módulos são divididos em 4 partes iguais, sendo cada uma de 5 x 6 m;
3. Estes seguem subdivididos em mais 4 partes iguais, sendo cada uma de 2,5 x 3 m;
4. Os canteiros com vegetação foram distribuídos nas extremidades desses módulos, e a circulação acontece livremente entre estes.

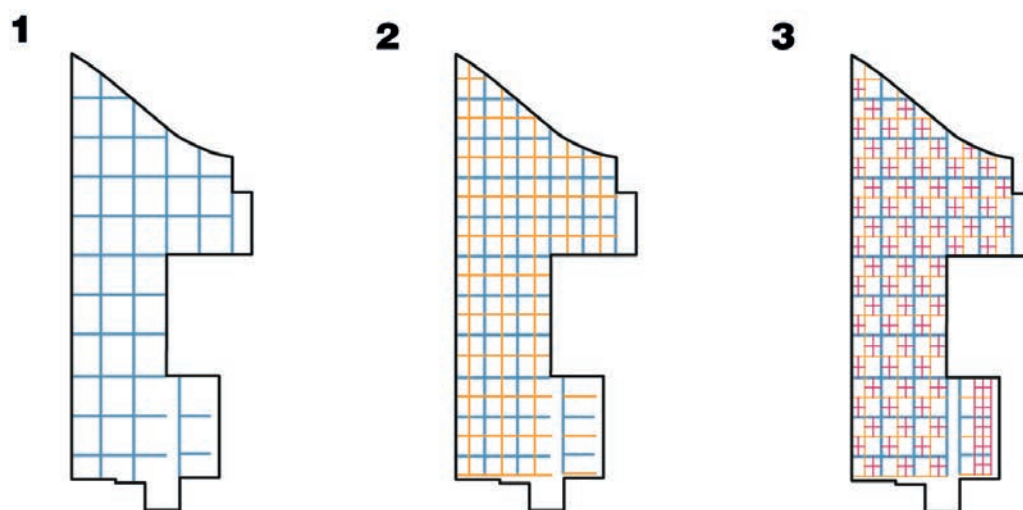
Os canteiros são intercalados com alturas de 25 cm e 50 cm, e as plantas colocadas neles são duas espécies que podem ficar expostas diretamente ao Sol: a mini Lantana (*Lantana camara*) e o Capim do Texas verde (*Pennisetum setaceum*), somado a árvore Alfeneiro (*Ligustrum lucidum*).

Na parte do piso temos as placas permeáveis de concreto que permitem um melhor escoamento da água para o solo.

MÓDULOS:



EVOLUÇÃO DOS MÓDULOS:



[f.28]

LEGENDAS E NOTAS:

[f.28] Diagramas da praça do projeto Arrozópolis. Organização: Thais Alcântara.

[f.29] Mini Lantana. Fonte: Via Sítio da Mata.

[f.30] Capim do Texas Verde. Fonte: Via Tirol Plantas.

[f.31] Megadreno Placas Permeáveis Cimentícias. Fonte: Via Braston.

[f.32] Alfeneiro. Fonte: Portal Tudo Sobre Plantas.

[f.33] Moréia Branca. Fonte: Via Sítio da Mata.

[f.34] Implantação geral. Organização: Thais Alcântara.



[f.29]

Mini Lantana (*Lantana camara*) -
atinge aproximadamente 50 cm de altura



[f.30]

Capim do Texas Verde (*Pennisetum setaceum*) - atinge aproximadamente 1 m de altura



[f.31]

Placa Permeável de Concreto - modelo Granili, acabamento: Fulgê Médio, categoria: Ouro, cor: Gergelim



[f.32]

Alfeneiro (*Ligustrum lucidum*) - atinge aproximadamente 10 m de altura

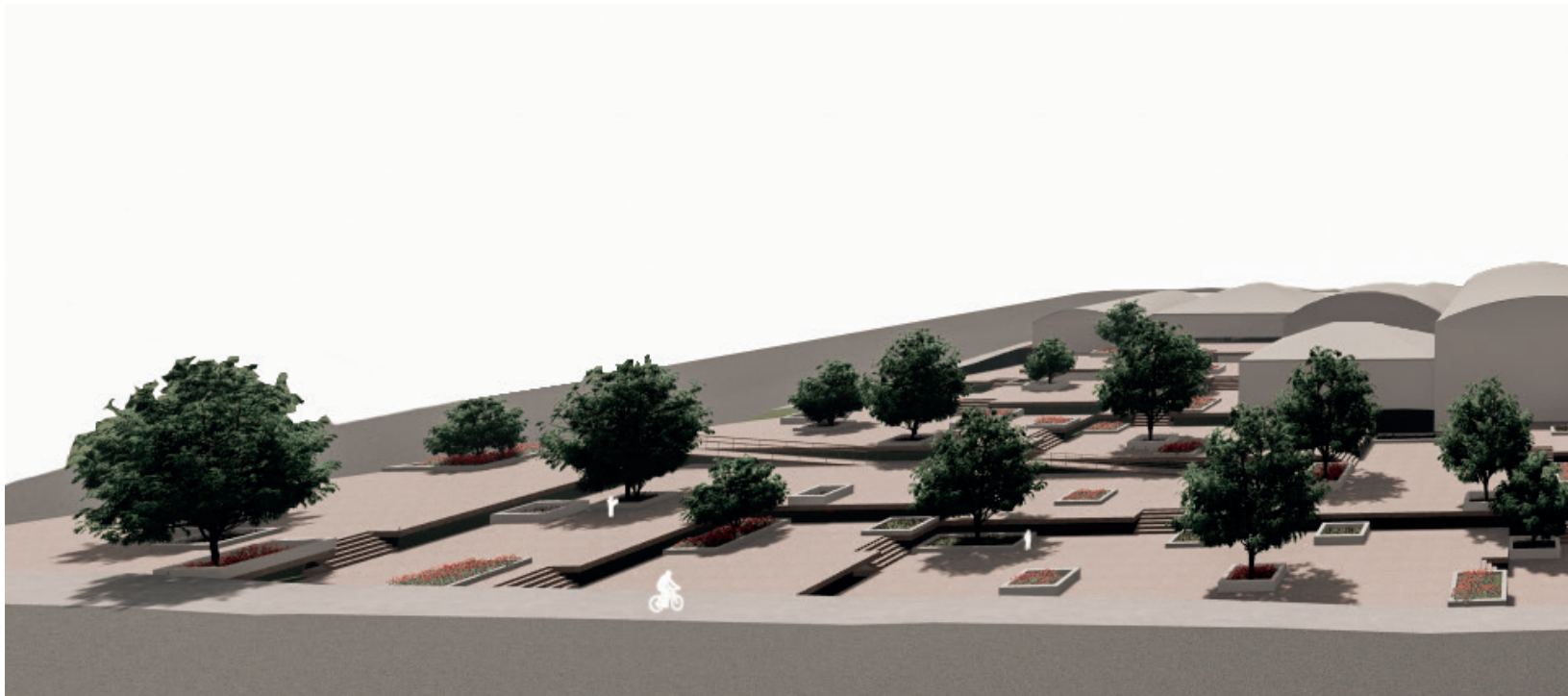


[f.33]

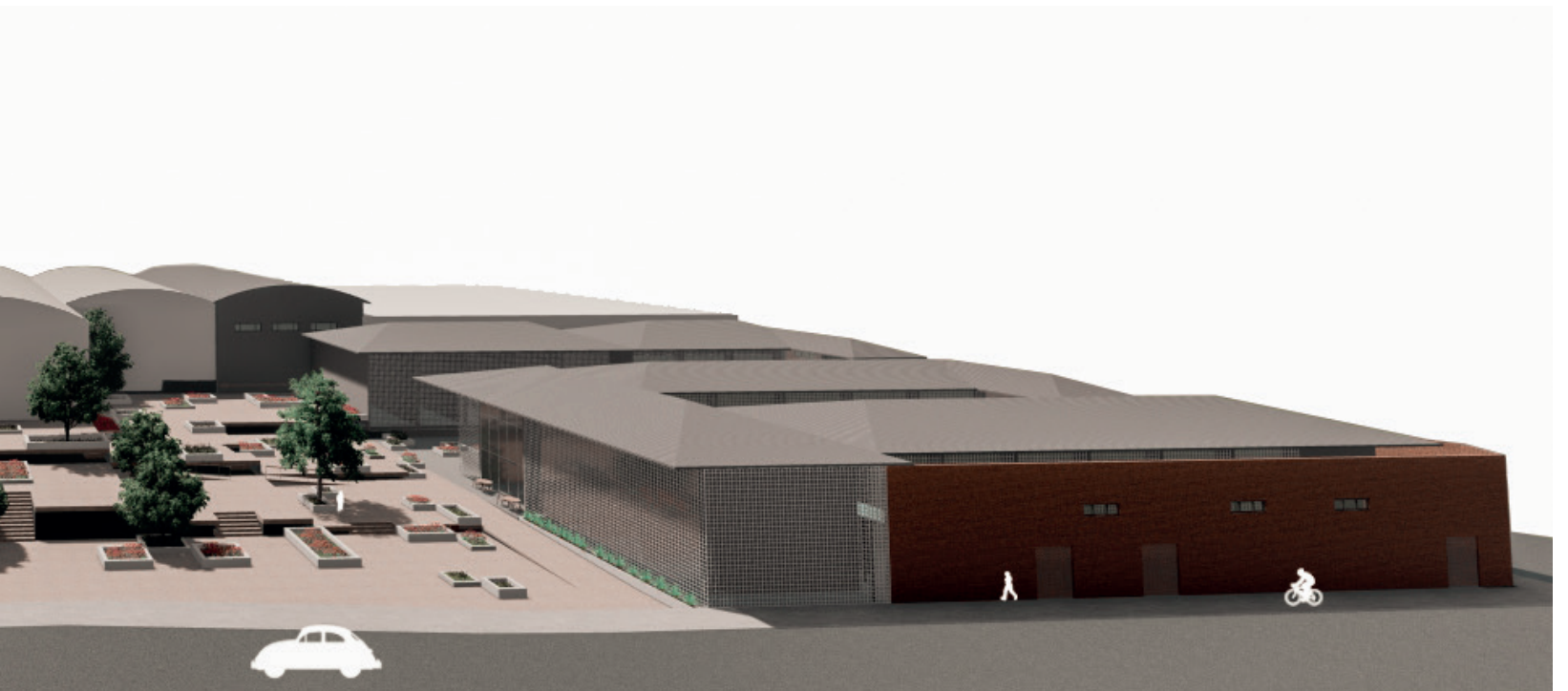
Moréia Branca (*Diets Iridioides*) - atinge aproximadamente 50 cm de altura

[f.34]





VISTA GERAL DE TODA A ÁREA DE INTERVENÇÃO



[f.36]



VISTA DA PRAÇA



VISTA DA PRAÇA DO COMPLEXO HABITACIONAL ARROZÓPOLIS

LEGENDAS E NOTAS:

[f.35] Vista geral da área de intervenção. Organização: Thais Alcântara.

[f.36] Vista da praça. Organização: Thais Alcântara.

[f.37] Vista do Arrozópolis pela praça. Organização: Thais Alcântara.

[f.38] Diagrama planta geral do projeto. Org.: Thais Alcântara.

[f.39] Perspectiva da área total de intervenção. Organização: Thais Alcântara.

[f.40] Entrada do estacionamento pela rua Benjamin Constant. Organização: Thais Alcântara.

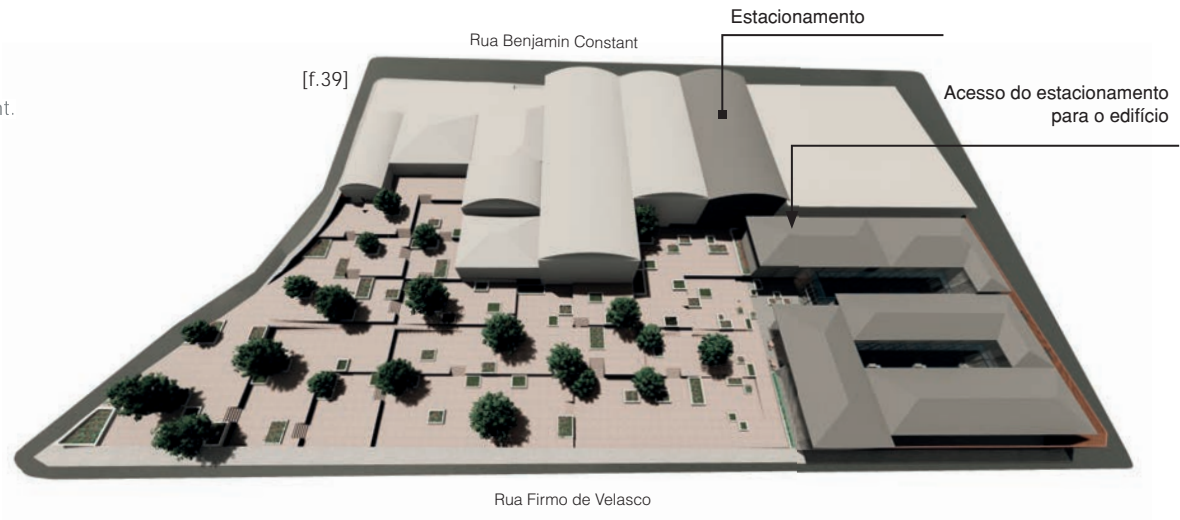
[f.41] Planta térrea do estacionamento. Organização: Thais Alcântara.

Estacionamento

Para atender aos moradores do Arrozópolis utilizou-se um dos galpões do entorno como estacionamento. Seu atual uso como depósito seria transferido para um dos galpões sem uso da quadra em frente. A entrada com o veículo acontece pela Rua Benjamin Constant e a saída do morador pela fachada Leste, onde tem acesso direto ao edifício. Possui 27 vagas para carros, 10 vagas para motocicletas e 10 vagas para bicicletas.



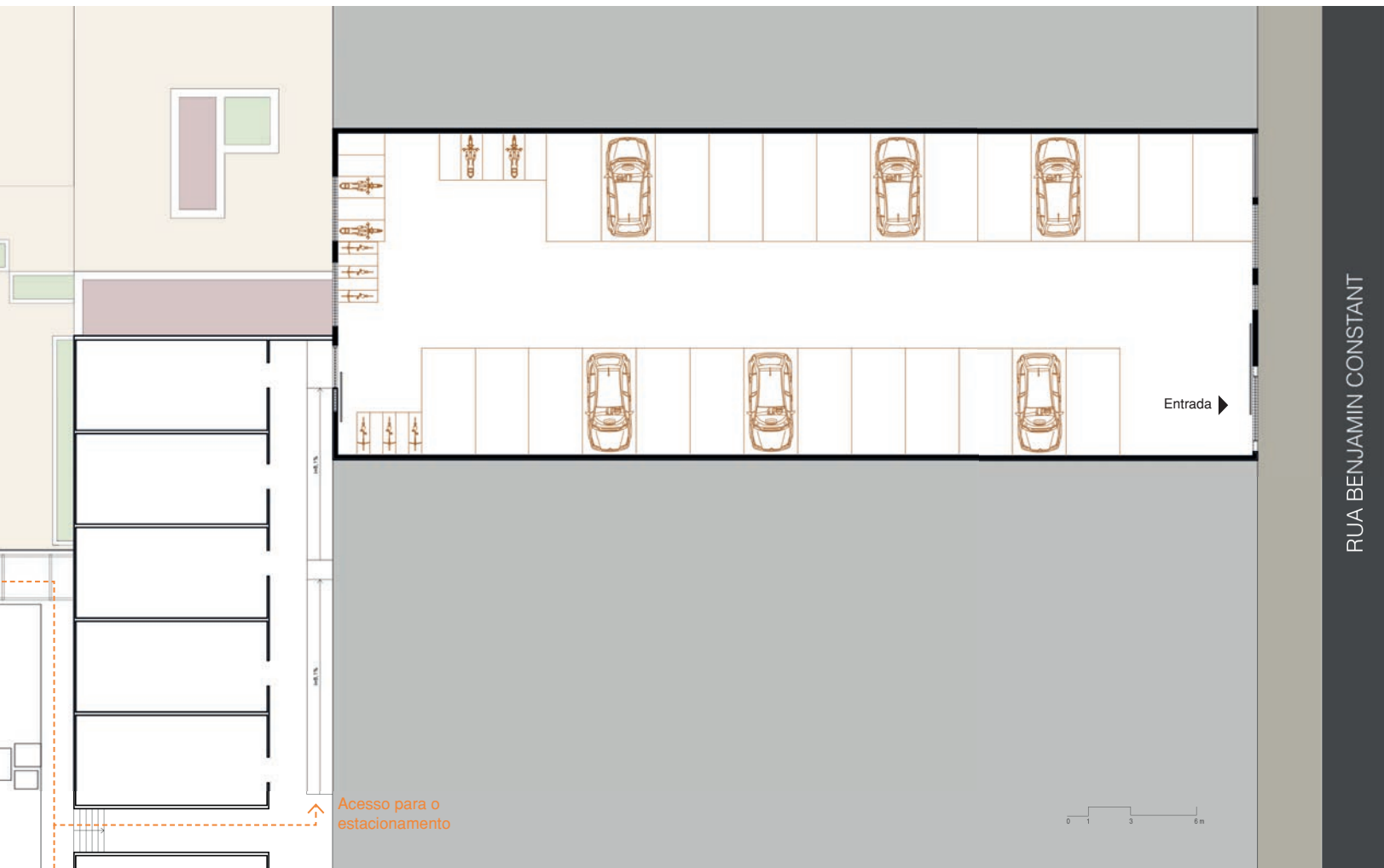
[f.40]



PLANTA TÉRREO ESTACIONAMENTO

[f.41]





RUA BENJAMIN CONSTANT

Comercial A. Arrozopolis LTDA. e outros

LEGENDAS E NOTAS:

[f.42] Foto aérea da área de intervenção. Foto: Thais Alcântara, 2019.

[f.43] Diagrama galpões antigos na área de intervenção. Fonte: Saneago 2011. Org.: Thais Alcântara.

[f.44] Levantamento fotográfico dos galpões antigos. Fonte: Saneago 2011. Org.: Thais Alcântara.

[f.45] Vista galpões antigos. Foto: Thais Alcântara, 2019.

[f.46] Vista galpões antigos. Foto: Thais Alcântara, 2019.

[f.47] Vista galpões antigos. Foto: Thais Alcântara, 2019.

[f.48] Vista galpões antigos. Foto: Thais Alcântara, 2019.

[f.49] Vista interna dos galpões antigos. Foto: Thais Alcântara, 2019.

[f.50] Vista interna dos galpões antigos. Foto: Thais Alcântara, 2019.

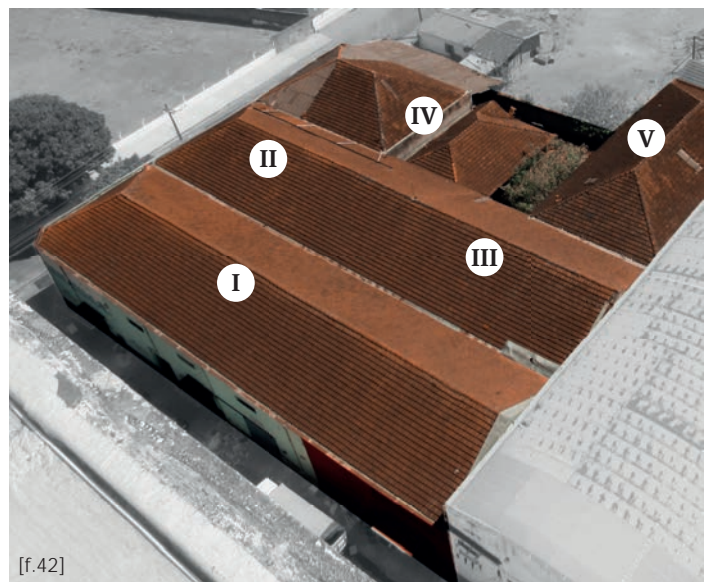
[f.51] Vista galpões antigos. Foto: Thais Alcântara, 2019.

[f.52] Vista galpões antigos. Foto: Thais Alcântara, 2019.

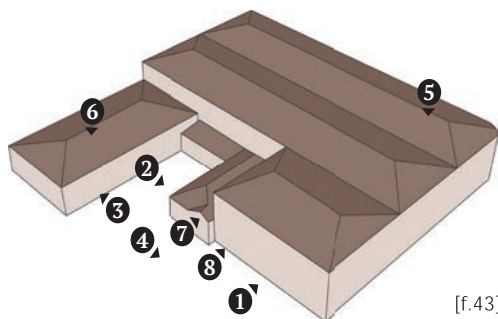
Na área do complexo habitacional Arrozópolis, encontra-se alguns galpões antigos que restaram do período de industrialização da cidade de Anápolis. Porém eles estão em parte degradados, a estrutura antiga do telhado bem frágil ou comprometida em alguns pontos, além de sua concepção original ter sido bastante modificada.

Os volumes I e II (figura. 42) foram subdivididos internamente, e nas partes III e IV estão fechados e sem acesso. No volume V funcionou durante um tempo como uma oficina de carros, mas atualmente está abandonado.

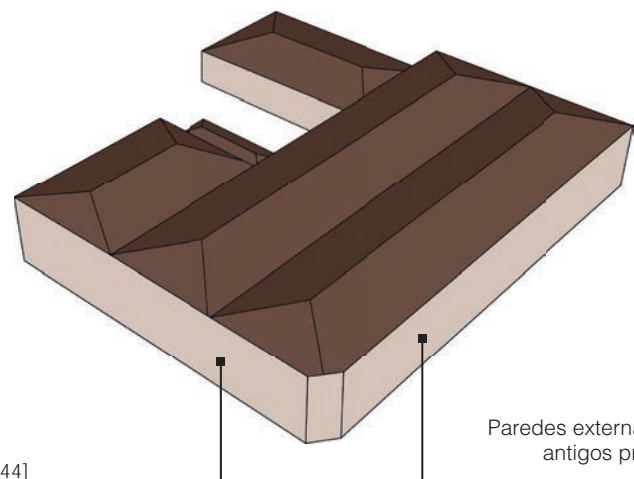
Analisando as características do sítio e tendo como objetivo principal manter a identidade visual dessa área industrial, o novo edifício surge em volta das paredes externas dos galpões antigos que ali existiam. Devido as suas atuais condições precárias não serem totalmente relevantes arquitetonicamente, somente essas paredes foram mantidas.



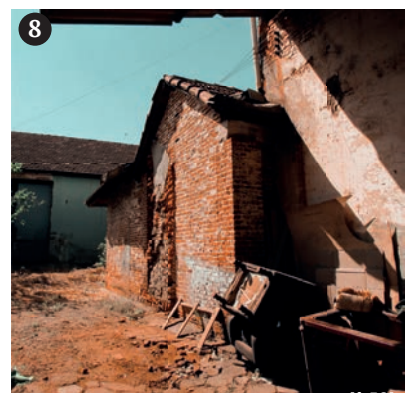
[f.42]



[f.43]



[f.44]



as galpões
reservadas

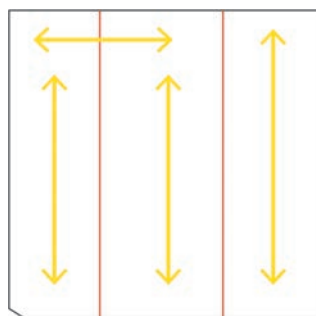
Arrozópolis - Complexo Habitacional

A partir da topografia modificada já existente, distribuí-se os novos volumes em três níveis diferentes, de modo que entre eles tenha um jardim que permita a iluminação natural. Através desse espaço de transição e também de contemplação, os moradores podem ter uma experiência profunda e simples com a própria natureza, e se desconectarem da vida agitada das cidades e do dia-a-dia. O público do Arrozópolis é voltado para pessoas que buscam viver de um modo mais minimalista, apenas com o essencial. Podendo ser o usuário: artistas, designers, arquitetos, pintores, escritores, dentre outros.

LEGENDAS E NOTAS:
[f.53] Diagrama planta geral do projeto. Org.: Thaís Alcântara.

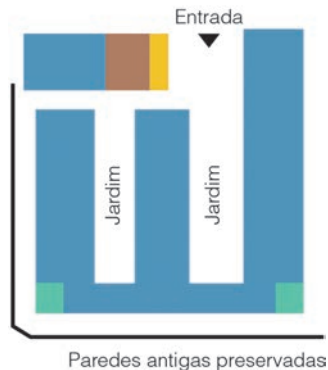
[f.54] Diagramas volume e topografia. Org.: Thaís Alcântara.

[f.55] Planta térreo do edifício. Org.: Thaís Alcântara.



LEGENDA:
— Topografia
— Implantação edifício

LEGENDA:
■ Lofts
■ Café
■ Portaria
■ Depósito



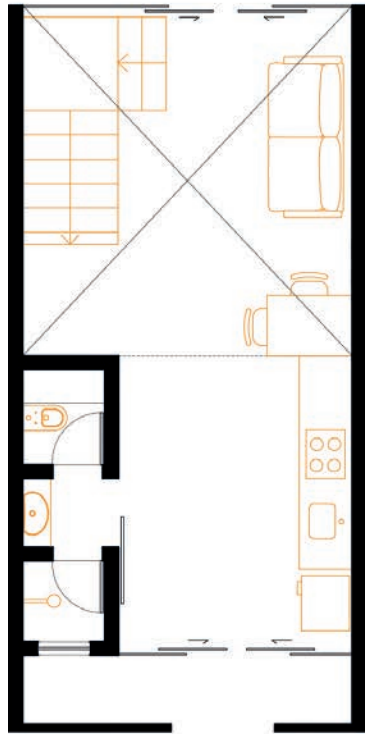
PLANTA TÉRREO

[f.55]

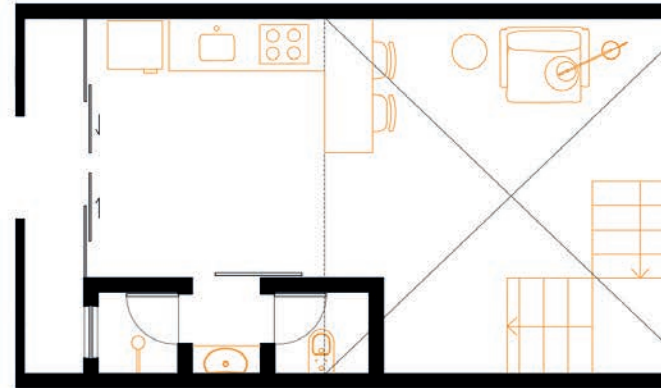




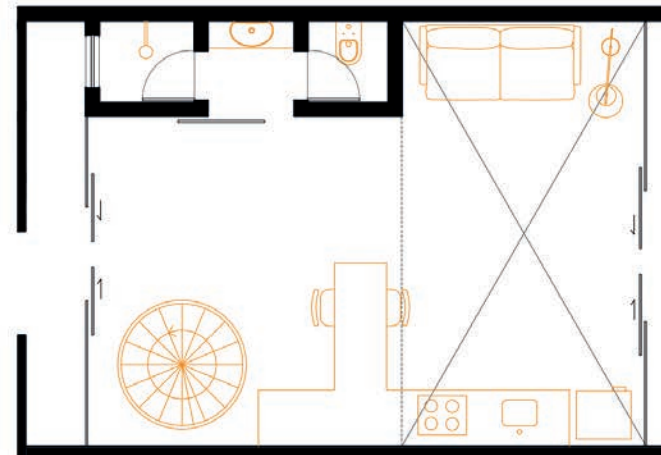
Tipologia Lofts - Térreo



LOFT TIPO 1
A= 45,37 m²

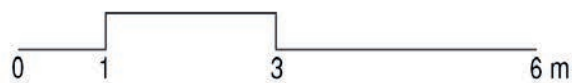


LOFT TIPO 2
A= 48,9 m²



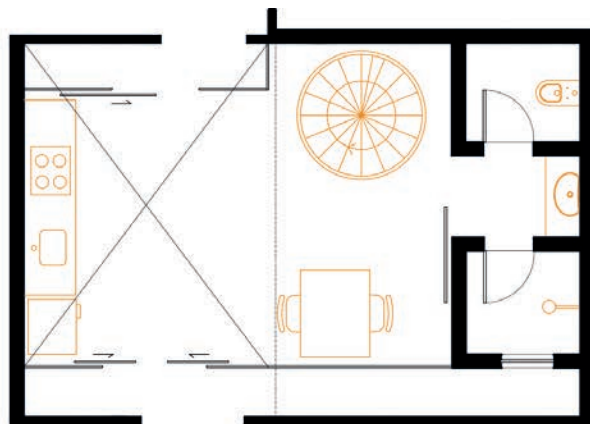
LOFT TIPO 3
A= 55,64 m²

LEGENDAS E NOTAS:
[f.56] Planta térreo dos
lofts. Org.: Thais Alcântara.





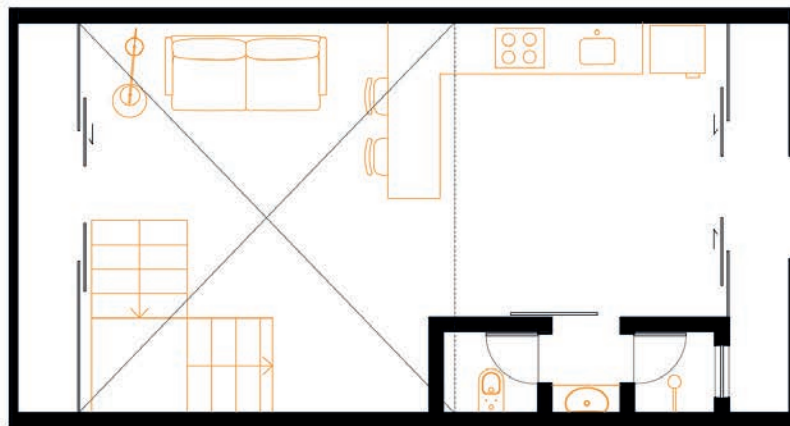
TIPO 2
90 m²



LOFT TIPO 3
A= 43,03 m²

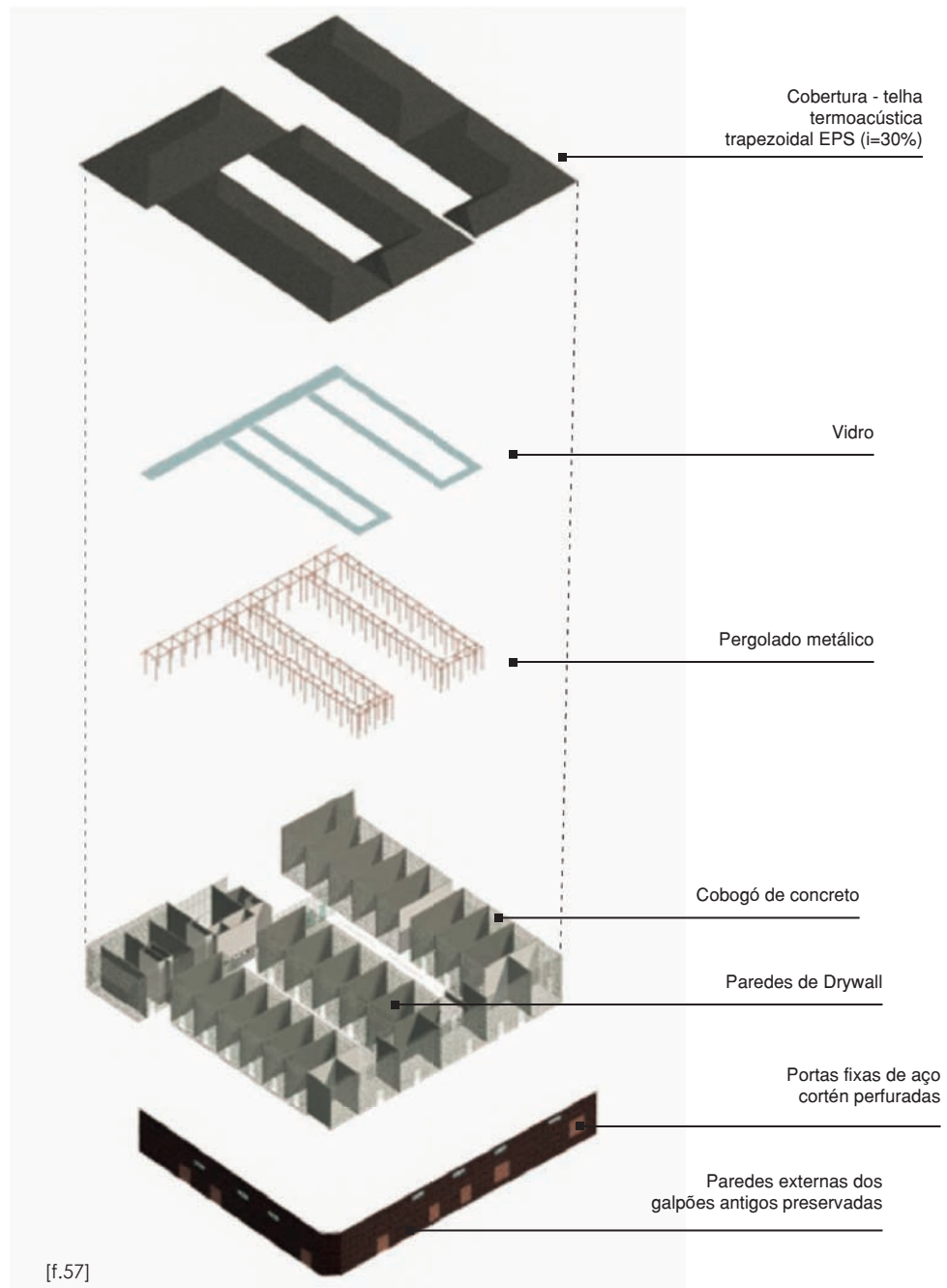


TIPO 4
m²



LOFT TIPO 5
A= 48,90 m²

[f.56]



LEGENDAS E NOTAS:
 [f.57] Diagrama estrutural do edifício. Org.:
 Thais Alcântara.

[f.58] Planta mezanino do edifício. Org.:
 Thais Alcântara.

PLANTA MEZANINO

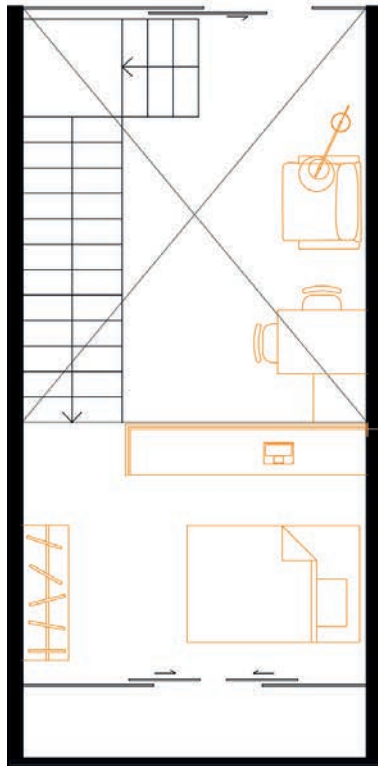
[f.58]



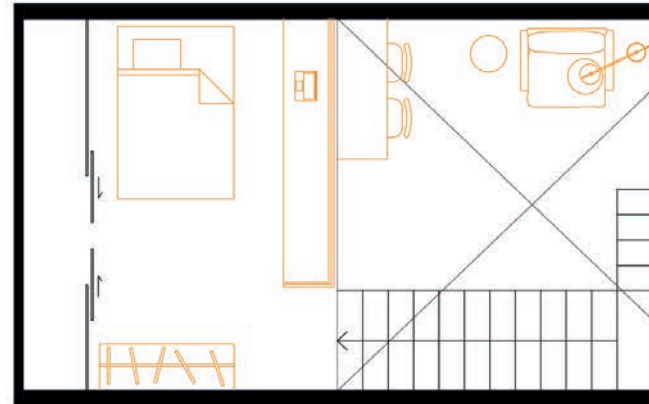


RUA RUI BARBOSA

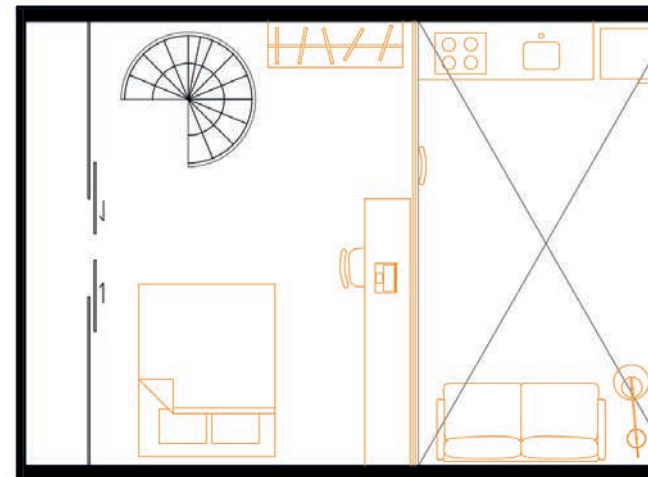
Tipologia Lofts - Mezanino



LOFT TIPO 1

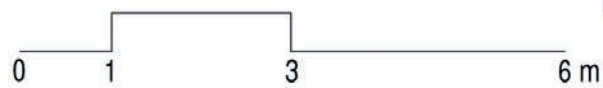


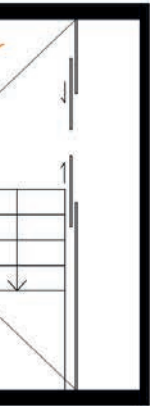
LOFT



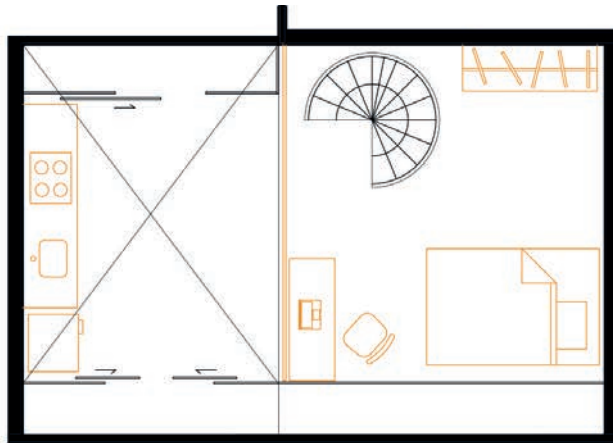
LOFT T

LEGENDAS E NOTAS:
[f.59] Planta mezanino
dos lofts. Org.: Thais
Alcântara.





LOFT TIPO 2



LOFT TIPO 3



LOFT TIPO 4



LOFT TIPO 5

[f.59]

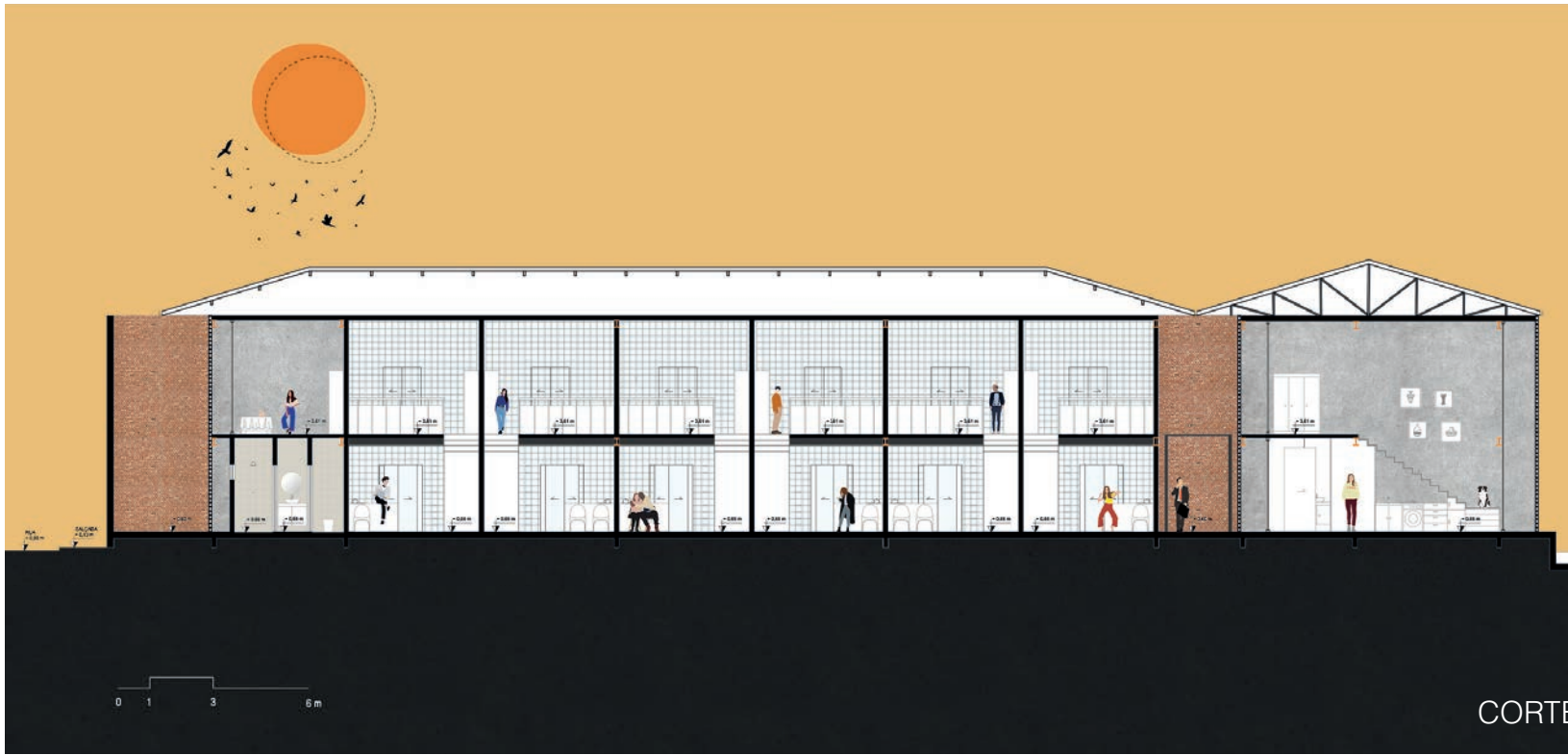


[f.60]



[f.61]





[f.62]

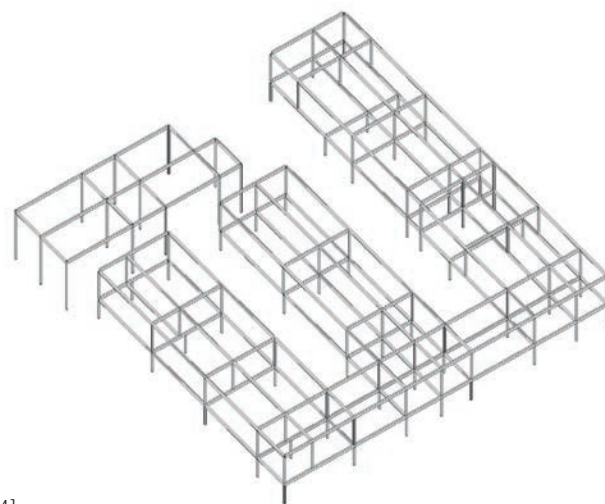
[f.63]



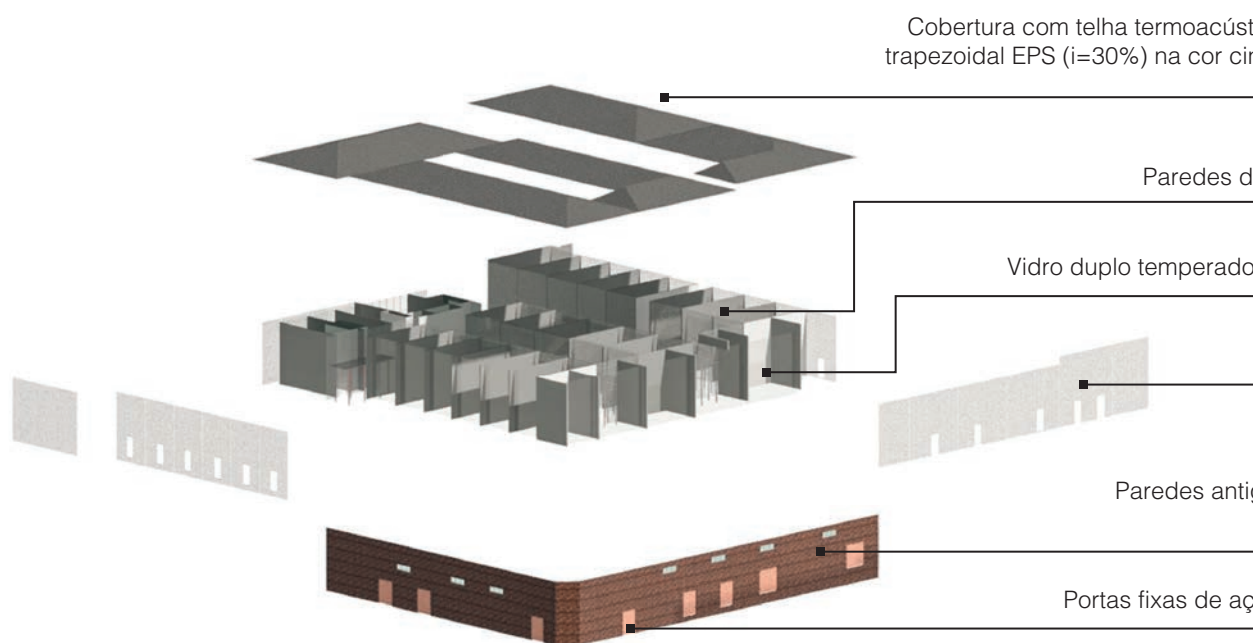
VISTA DO ARROZÓPOLIS E O GALPÃO ANTIGO

Estrutura + Materiais

Todos os materiais além de suas vantagens para uma construção mais rápida e mais eficiente, reforçam as características do estilo industrial do projeto. Na estrutura utiliza-se pilares de aço em perfil I, com dimensões de 15 x 15 cm e que se localizam dentro das paredes. A laje utilizada é a Steel Deck com espessura de aproximadamente 12 cm. Na vedação principal utiliza-se placas de Drywall de 12,5 cm de espessura, depois há uma faixa de Vidro Duplo de 6 mm de espessura em toda a extensão das fachadas de cada loft. O elemento vazado é a última camada até a parte exterior e além de preservar a privacidade de cada morador, ainda aproveita um pouco da iluminação natural no interior dos lofts.

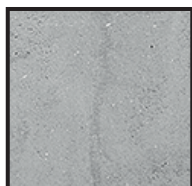


[f.64]

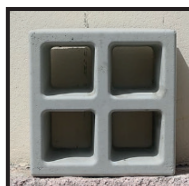


[f.65]

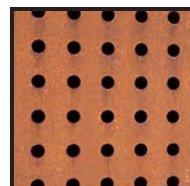
MATERIAIS:



[f.66]



[f.67]



[f.68]

LEGENDAS E NOTAS:
[f.60] Corte AA. Org.:
Thais Alcântara.

[f.61] Corte BB. Org.:
Thais Alcântara.

[f.62] Corte CC. Org.:
Thais Alcântara.

[f.63] Vista do edifício.
Org.: Thais Alcântara.

[f.64] Diagrama estrutu-
ral. Org.: Thais Alcân-
tara.

[f.65] Diagrama estru-
tural geral do edifício.
Org.: Thais Alcântara.

[f.66] Textura de concre-
to. Fonte: Via Mapa na
Obra.

[f.67] Cobogó de concre-
to de 4 furos. Fonte:
Via Wix.

[f.68] Chapa de aço
cortén perfurada. Fonte:
Via Sempre Serralheria.

[f.69] Sombrinha-chi-
nesa. Fonte: Via Vivo
Plantas.

[f.70] Alface d'água.
Fonte: Via Cultura Mix.

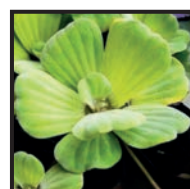
[f.71] Carpas ornamen-
tais. Fonte: Via Carpa
Brasil.

ESPELHO D'ÁGUA:



[f.69]

Sombrinha-chinesa -
Cyperus alternifolius



[f.70]

Alface d'água -
Pistia stratiotes



[f.71]

Carpas ornamentais -
Nishikigoi

ica
nza

de Drywall de 12,5 cm

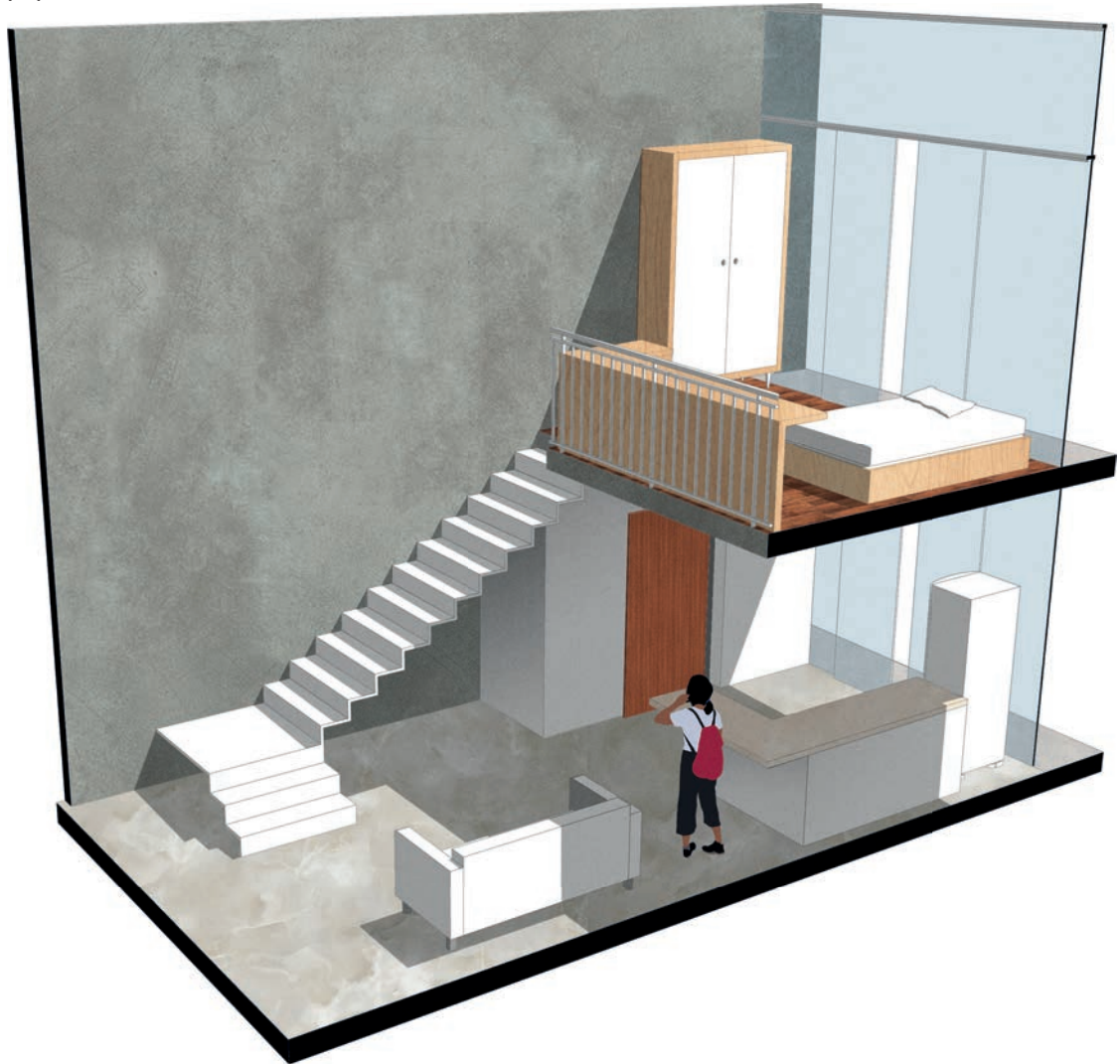
na espessura de 6 mm

Cobogó de concreto com 4 furos
retos de 39x39x15 cm

gas com a textura
do tijolo original

o cortén perfuradas

[f.72]



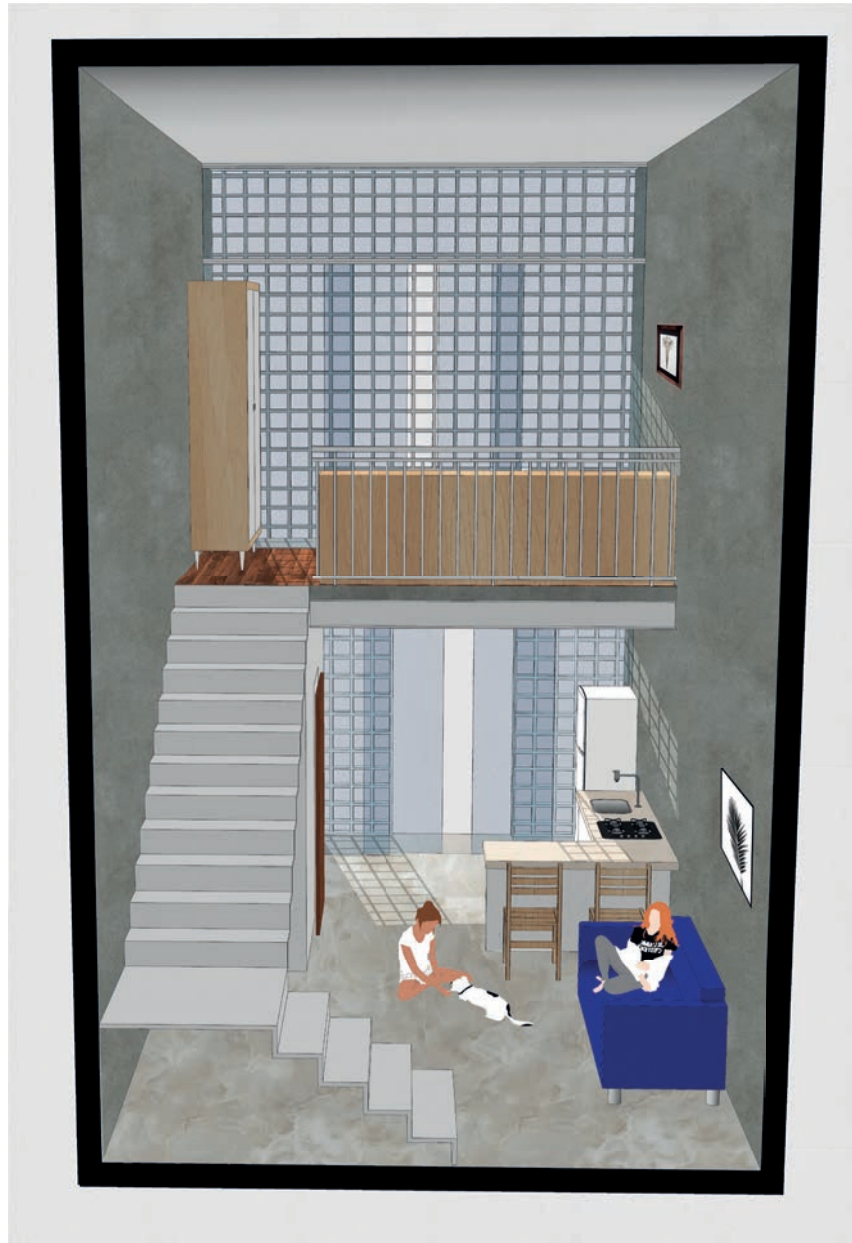
PERSPECTIVA GERAL DOS LOFTS

[f.73]



PAVIMENTO TÉRREO DO LOFT

[f.74]



VISTA INTERNA DO PAVIMENTO TÉRREO E MEZANINO

[f.75]



VISTA INTERNA DO LOFT



[f.76]



Referências Bibliográficas

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização: Problemas Teóricos de Restauro**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

TADAO Ando: From Emptiness to Infinity. Direção: Mathias Frick. Produção de MAGNETFILM. Berlim, Alemanha, 2013. Disponível em: <<https://vimeo.com/ondemand/tadaoando#collections>> Acesso em: 10 jan. 2020.

ANDO, Tadao. "Por novos horizontes na arquitetura". In: NESBITT, Kate (org.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura. Antologia Teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

CORSI, Daniel. **A persistência da memória: ruínas contemporâneas**. Minha Cidade, São Paulo, ano 12, n. 135.03, Vitruvius, out. 2011. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/12.135/4073>> Acesso em: 28 abr. 2020.

ROGERS, Richard. **Cidades para um pequeno planeta**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili SA, 2001.

RUSKIN, John, 1819-1900. **A lâmpada da memória**. Tradução e apresentação Maria Lucia Bressan Pinheiro; revisão Beatriz e Glayds Mugayar Kühl. – Cotia-Sp: Ateliê Editorial, 2008.

FREITAS, R. A. **Anápolis: Passado e Presente**. Anápolis: Voga, 1995.

Caderno de Pesquisas – Museu Histórico de Anápolis "Alderico Borges de Carvalho". Anápolis: Ano 3. nº. 1 e 2, 2011. Disponível em: <<http://www.anapolis.gov.br>>

<[http://www.anapolis.gov.br/portal/arquivos/files/Caderno4\(1\).pdf](http://www.anapolis.gov.br/portal/arquivos/files/Caderno4(1).pdf)>. Acesso em: 29 abr 2020.

População estimada: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/anapolis/panorama>>. Acesso em: 29 abr 2020.

SANTOS, Tainara Diniz dos. **O progresso na cidade de Anápolis: De arraial a Manchester Goiana**. In: Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG, 2, 2015, Pirenópolis. Interdisciplinaridade e currículo: uma construção coletiva. Disponível em: <<https://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/5614>>. Acesso em: 29 abr 2020.

ROCHA, Hélio. **Anápolis – e assim se passaram 100 anos**. Goiânia: Kelps, 2007.

ASMAR, João. **O troco e outras notas**. Anápolis: Múltipla Gráfica e Editorial Ltda, 2009.

FUNDAÇÃO IBGE. Instituto Brasileiro de Estatística. **Catálogo Industrial 1965 - Mato Grosso -- Goiás Distrito Federal**. Rio de Janeiro, 1968. 161 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv81022_v4_t1.pdf> . Acesso em: 02 maio 2020.

LEITE, J. A. **Estação Ferroviária de Anápolis: Território e potencialidade turística**. Em andamento. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2020.



[f.77]

“ Assim como no final de um livro, mais uma história aqui se encerra. Agradeço a todos que me apoiaram e me ajudaram a escrever mais esse capítulo, todos os lugares que eu pude ir e conhecer novas histórias. E principalmente Aquele que é o autor de tudo.
Thaís Alcântara, maio de 2020